

A Serpente na rede: extrema-direita, neofascismo e internet na Argentina

Fábio Chang de Almeida / UFRGS – bolsista CNPq¹

Resumo: O aumento no número de incidentes violentos relacionados com a extrema-direita é uma realidade mundial. Diretamente relacionado com este panorama, está o avanço na utilização da internet por grupos neofascistas. Na América Latina, a Argentina é o país que hospeda o maior número de sites desta natureza. A compreensão deste fenômeno deve passar pela análise da longa trajetória do pensamento da extrema-direita naquele país.

Palavras-chave: Neofascismo; Internet; Argentina.

Incidentes violentos com motivação relacionada aos ideais nazi-fascistas vêm aumentando em todo o mundo. Tal panorama deve ser compreendido dentro de uma conjuntura mais ampla, onde a extrema-direita revela um caráter de permanência de longa duração. O fenômeno neofascista observável na virada do milênio não deve ser confundido com um renascimento da extrema-direita, ou dos movimentos de inspiração nazi-fascista. Isto porque, na realidade, esses movimentos jamais desapareceram por completo após a 2ª Guerra Mundial. As depurações antifascistas realizadas na Europa após o final da Guerra não impediram a sobrevivência das ideologias em novos partidos políticos em países como Alemanha, Itália e França.

Na América Latina, criaram-se condições políticas favoráveis para o surgimento de movimentos fascistas no período compreendido entre as duas Guerras Mundiais na maioria dos países. Conforme Hélgio Trindade, a principal questão não diz respeito à existência da presença fascista na América Latina, mas sim à extensão de suas manifestações. Em outras palavras, o problema seria distinguir as imitações dos movimentos autênticos. Nesse sentido, Trindade cria dois grupos principais. No primeiro grupo, estão Argentina, Peru, Uruguai e Paraguai, países onde os movimentos de inspiração nazi-fascista não passaram de mimetizações sem influência significativa na sociedade e no processo político. O outro grupo reúne os países onde surgiram movimentos fascistas com expressiva base social e influência sobre o regime político nacional (embora nenhum tenha chegado ao poder): México, Chile,

¹ Mestrando em História

2

Bolívia e Brasil. Destes, o caso brasileiro seria o único a preencher os requisitos para ser considerado um movimento tipicamente fascista.²

Na Argentina, a extrema-direita influenciou governos e possui um longo relacionamento com a sociedade civil através de organizações como a *Liga Patriótica Argentina*³, a *Legião Cívica Argentina*⁴ e a *Aliança Anticomunista Argentina*.⁵ Paralelamente à atuação destes grupos, a partir da década de 1920 um novo modelo político tomou forma na Argentina, com o apoio de intelectuais, militares e setores da Igreja Católica. Ao contrário da direita tradicional, o novo modelo assumiu um posicionamento antiliberal, nacionalista, corporativista e anti-semita, propondo a transformação da Argentina em uma potência econômica, militar e imperialista. Esta nova configuração ficou conhecida como “direita nacionalista” ou “nacionalismo de direita”.⁶

Resultado do desenvolvimento do nacionalismo de direita na sociedade argentina, o governo de Juan Domingo Perón entre 1946 e 1955 é o regime extra-europeu mais recorrentemente caracterizado como “fascista”.⁷ Além do carisma, da simpatia pessoal de Perón pelo nazismo e da aproximação diplomática entre Argentina e Alemanha, outras características alimentam as comparações entre peronismo e fascismo: o controle sobre a imprensa e o judiciário; as paradas e cerimônias militares; a polícia repressiva; a violência

² TRINDADE, Helgio. **O nazi-fascismo na América Latina: mito e realidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, pp. 19-22. Roger Griffin concorda com Trindade, ao afirmar que “*o Fascismo genérico é um fenômeno predominantemente, mas não exclusivamente, europeu*”, sendo a Ação Integralista Brasileira o único caso de movimento fascista latino-americano. GRIFFIN, Roger. **The nation reborn: a new ideal type of generic fascism**. Paper apresentado no XV World Congress of the IPSA, Buenos Aires, julho de 1991a, pp. 33-38.

³ A LPA, criada em 1919, foi o principal movimento nacionalista contra-revolucionário do país. A fundação da LPA baseava-se na idéia de formação de um agrupamento civil permanente, para agir em casos “*onde a ordem fosse alterada por elementos estranhos à Argentina*”. MOSCATELLI, Mirta. Una propuesta nacionalista frente a la conflictividad social de la década de 1920: la Liga Patriótica Argentina. In: **La Trama de la Comunicación** - Anuario del Departamento de Ciencias de la Comunicación. Facultad de Ciencia Política y RR. II. Universidad Nacional de Rosario. Vol. 7, 2002, p. 3.

⁴ A LCA, uma organização paramilitar civil de inspiração fascista, comandada por oficiais das Forças Armadas. Foi criada em 1931 pelo presidente José Felix Uriburo, que havia ascendido ao poder um ano antes através de um golpe militar. Uriburo apoiava publicamente as idéias da direita nacionalista. ROMERO, Luis Alberto. **História Contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 64.

⁵ A “*Triple A*” foi criada por volta de 1973, com o objetivo combater a “subversão” utilizando grupos civis paramilitares, e acabou constituindo uma poderosa organização terrorista de direita. Por sua atuação anterior ao golpe militar de 1976, bem como pelo apoio governamental recebido, relaciona-se a “*Triple A*” com o início dos métodos de Terrorismo de Estado na Argentina. AGEITOS, Stella Maris. **Historia de la Impunidad**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2002, pp. 20-21. A atuação da *Triple A* comprova que nos anos 1970, o pensamento de direita radical e a utilização da violência política encontravam ressonância em parte da sociedade civil argentina. DUHALDE, Eduardo Luis. **El Estado Terrorista Argentino**. Buenos Aires: Eudeba, 1999, pp. 70-71.

⁶ BEIRED, José Luis Bendicho. “A grande Argentina”: um sonho nacionalista para a construção de uma potência na América Latina. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, n. 42, 2001, pp. 303-304.

⁷ PAXTON, Robert O. **The anatomy of fascism**. Nova York: Vintage Books, 2004, p. 195.

3

política; o histórico de acolhimento de criminosos nazistas⁸; o sentimento anticomunista, (o “medo vermelho”, arraigado em setores da sociedade desde a Semana Trágica de 1919); o histórico de antisemitismo e o contexto de crise econômica instaurado no país após a I Guerra Mundial. Todos estes elementos contribuíram para a construção de um modelo que reconhece o Fascismo na Argentina de Perón.⁹

Entretanto, a simplicidade deste modelo mascara a complexidade do fenômeno peronista. Se alguns fatores parecem aproximá-lo dos Fascismos europeus, outros podem demonstrar a sua especificidade. Roger Griffin enfatiza que o peronismo não foi radical o suficiente para realizar as transformações sócio-econômicas necessárias para criar uma comunidade nacional orgânica, sob o signo de uma “nova ordem”. Os grupos paramilitares de extrema-direita não conseguiram mobilizar a sociedade argentina em escala fascista. As agrupações deste tipo foram várias, mas nunca conseguindo arregimentar as massas em âmbito nacional.¹⁰

Durante a ditadura militar (1976-1983), além dos desaparecimentos, seqüestros e torturas tornados prática de Estado, também o anti-semitismo foi tolerado ou mesmo encorajado pelas autoridades argentinas.¹¹ Prisioneiros políticos relatam a existência de iconografia nazista nas paredes das salas de tortura. São conhecidos casos de torturadores que

⁸ Os números sobre a imigração de colaboradores do Nazismo para a Argentina são incertos. Algumas fontes fazem referência a mais de mil criminosos de guerra refugiados na Argentina. (Relatório argentino da organização britânica AXT (*Antisemitism and Xenophobia Today*), dezembro de 1998. Disponível em <<http://www.axt.org.uk>>) Ignacio Klich resume a questão da seguinte forma: “*Eran demasiados, cualquiera fuera su verdadero número*”. KLICH, Ignacio. El ingreso a la Argentina de nazis y colaboracionistas. In: KLICH, Ignacio; RAPOPORT, Mario. **Discriminación y racismo en América Latina**. Buenos Aires: Nuevohacer, 1997, p. 401.

⁹ Fernando Sabsay cita a essência dessa teoria: “*El peronismo es la versión argentina del fascismo italiano. Confluencia de diversas formas de nacionalismo. Perón es el conductor, en el sentido de Benito Mussolini, cuya personalidad y obra le merecieron marcada simpatía, llegando a decir que “lo imitaría en todo, menos en sus errores”*”. De acuerdo con esta (...) hipótesis: “*El peronismo sería un producto del nacionalismo argentino, que convirtió a las masas obreras en su instrumento, despojándolas de su espíritu de lucha*”. SABSAY, Fernando. **Los presidentes argentinos**. 2. ed. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 2003, p. 301.

¹⁰ GRIFFIN, Roger. **The nature of Fascism**. Londres: Pinter Publishers, 1991b, pp. 148-149. Indo além do peronismo, é possível afirmar que apesar da longa tradição de movimentos de extrema-direita, a Argentina não originou nenhum movimento tipicamente fascista. De forma geral, os nacionalistas argentinos eram contrários ao sistema político representativo, por isso não criaram partidos políticos. As duas únicas organizações de tipo fascista na Argentina do entre-guerras foram o Partido Fascista Nacional (PFN) e o Partido Fascista Argentino (PFA), ambos de pouca duração e inexpressivos diante das outras forças políticas do país. Ver: TRINDADE, 2004, op. cit., pp. 27-28.

¹¹ CONADEP. **Nunca Mais**. Informe da Comissão Nacional Sobre o Desaparecimento de Pessoas na Argentina. Porto Alegre: L&PM, s.d., pp. 54-58.

4

utilizavam braçadeira com a cruz gamada e episódios em que suásticas foram queimadas com cigarro no peito de prisioneiros políticos argentinos.¹²

Resultado de uma longa história de atuação da extrema-direita, a Argentina é atualmente o país latino-americano com a maior quantidade de sites neofascistas na internet.¹³ Talvez o erro mais perigoso para um pesquisador das manifestações neofascistas contemporâneas seja menosprezar o potencial de alcance desta ideologia. A falta de expressão política das suas organizações e as constatações acerca do caráter mimético de algumas de suas práticas, não devem ser tomadas como parâmetros para estabelecer a verdadeira dimensão da influência neofascista. O que possibilitou à Argentina ser o país latino-americano com o maior número de páginas neofascistas na internet, não foram apenas os esforços individuais de alguns militantes, ou uma legislação permissiva, mas a aceitação prévia de muitos dos postulados do discurso de extrema-direita. A mimetização é a ponta do iceberg. Seus postulados ideológicos, oriundos de vários setores da extrema-direita, configuram a verdadeira massa de sustentação que permanece submersa.

O amálgama de referenciais utilizado pelo neofascismo argentino vai muito além da reprodução estética e discursiva de modelos europeus. Na realidade, a ideologia por trás dos discursos destes agentes é herdeira de uma longa tradição de influência política da extrema-direita argentina. Além de referenciais diretamente relacionados aos fascismos históricos, os discursos apresentam influências locais que remetem ao arcabouço doutrinário da extrema-direita “tradicional”.

O êxito da rede argentina de sites neofascistas deve ser inserido em uma continuidade histórica que remonta ao processo de construção do próprio Estado-Nação. O neofascismo argentino é “oportunista”. Ele nutre-se com substratos culturais preexistentes, como o nacionalismo, o caudilhismo, o anti-semitismo, o racismo, a xenofobia e a violência política. Para compreender este panorama é necessário remontar ao século XIX, quando as elites intelectuais e políticas criaram o discurso hegemônico da configuração nacional. Tal discurso almejava a transição da “barbárie” à “civilização”. Esse princípio foi fundamental na consolidação argentina enquanto povo, nação e república.

¹² Ver: FRONTALINI, Daniel; CAIATI, María C. **El mito de la Guerra Sucia**. Buenos Aires: CELS, 1984, p. 85.

¹³ Conforme investigação realizada em nossa pesquisa de mestrado, desenvolvida na UFRGS entre 2006 e 2008.

5

Apesar da relativa fragmentação ideológica, as variantes atuais do discurso discriminatório argentino derivam de matrizes históricas comuns. Mesmo que os grupos neofascistas não reconheçam a influência de Domingo Faustino Sarmiento, as fundações ideológicas que permitem a ampla disseminação de teorias racistas na Argentina remontam, sem dúvida, ao século XIX. Sobre o discurso racista do gaúcho Martin Fierro, de José Hernández, Nicolás Shumway afirmou: “*Es melancólico ver al campeón del proletariado rural usando los mismos argumentos racistas contra los índios que aquellos que sus enemigos solían usar contra los gauchos mestizos*”.¹⁴ De fato, a apropriação do discurso de superioridade racial foi realizada por diversos setores da sociedade argentina, mesmo que isso possa parecer contraditório. Quando o discurso neofascista argentino exalta pressupostos raciais buscando referenciais na Alemanha nazista, na realidade está reproduzindo uma ideologia anterior aos próprios fascismos, e que foi elemento essencial da construção da identidade nacional argentina.

Sobre esta base ideológica, se desenvolveram as variações do discurso racista argentino. Para chegar ao panorama neofascista manifestado na internet, devem ser levadas em consideração ainda, todas as influências históricas incorporadas ao longo do século XX. A violenta xenofobia da Semana Trágica de 1919, quando a entrada de certos imigrantes era vista como uma ameaça à hegemonia cultural *criolla*¹⁵, atesta a antiguidade desta prática, elemento central dos discursos neofascistas. O anti-semitismo é outra das características neofascistas que já era claramente visível em 1919. Ele não foi introduzido no discurso através, apenas, da influência fascista. Era um elemento já enraizado na cultura da direita argentina, o que facilitou a sua aceitação como ponto central em discursos posteriores.

De fato, ao observar o desenvolvimento do nacionalismo argentino, é possível perceber que muitos elementos do discurso neofascista coincidem com preceitos que já compunham o conjunto de convicções anteriormente aceitas. Por exemplo, a crença em teorias conspiratórias também não é uma exclusividade do discurso neofascista. De acordo com o historiador Luis Alberto Romero, o nacionalismo argentino “*es una combinación de soberbia, de pensar que la Argentina está llamada a grandes destinos, con un componente muy*

¹⁴ SHUMWAY, Nicolás. **La invención de la Argentina**: historia de una idea. Buenos Aires: Emecé, 2002, p. 305.

¹⁵ NEWTON, Ronald C. **El cuarto lado del triángulo**: la “amenaza nazi” en la Argentina (1931-1947). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1995, p. 166.

6

paranoico, de pensar que si no estamos en primer lugar es por culpa de alguien. Ese alguien siempre se renueva”.¹⁶

La Gran Argentina tem um destino de liderança mundial. O eventual fracasso desse projeto deve-se a “*antinacionales*” a serviço dos interesses de potências estrangeiras. O alcance das conspirações internacionais podia provocar, no imaginário nacionalista, a deturpação da verdadeira história do país. Daí o surgimento na década de 1930, no seio da direita nacionalista, do revisionismo histórico *irazustiano*. Nesta concepção da história, as manipulações britânicas comandavam os rumos do país através da participação de colaboradores internos, infiltrados em diversas esferas da vida social e política. Foi assim que os nacionalistas iniciaram a reabilitação pública da imagem de Juan Manuel de Rosas. Nesse sentido, a disseminação do negacionismo da 2ª Guerra Mundial não pode ser vista como a introdução de uma concepção totalmente nova, na sociedade argentina.

Mais especificamente, o mito da conspiração judia internacional – talvez o principal ponto de convergência de todos os discursos neofascistas – também possui uma longa trajetória de inserção na sociedade argentina. Já nos anos 1930, a Revista *Clarinated* denunciava a conspiração que reunia “*materialismo, liberalismo, marxismo, comunismo, socialismo, anarquismo, ateísmo, masonería...*” sob o comando de uma liderança única: “*el judaísmo*.”¹⁷ O objetivo comum desta união de forças: “*la destrucción de la civilización cristiana*.”¹⁸

Todavia, foi a partir dos anos 1970 que as teorias conspiratórias foram revitalizadas, e adaptadas para o contexto argentino. Tal processo foi pautado por publicações da extrema-direita, como a Revista *Cabildo*. Esta concepção anti-semita conspiratória contou com o apoio de setores das Forças Armadas, pois um mito dessa natureza poderia ser funcional na “cruzada” de reconstrução nacional sobre novos valores.¹⁹ Após a restauração democrática, a teoria da conspiração sionista passou a ser aplicada para desqualificar os governos democráticos, acusados de alinharem-se com o grande complô mundial. Para tanto, o discurso

¹⁶ ROMERO, Luis Alberto. **Entrevista** ao Jornal Página 12. 12 de abril de 2004. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar>>. Acesso em setembro de 2007.

¹⁷ Revista Clarinated, ano I, n. 1, maio de 1937, p. 3. APUD: LVOVICH, Daniel. Un vocero antisemita en Buenos Aires: la revista Clarinated (1937 -1945). **Revista Nuestra Memoria**. n. 16.

¹⁸ Idem.

¹⁹ SABORIDO, Jorge. El antisemitismo em la historia argentina reciente: la revista Cabildo y la conspiración judía. **Revista Complutense de Historia de América**. V. 30. Madri: 2004, p. 210.

7

anti-semita não cansa de apontar a presença de judeus no poder executivo. O argumento neofascista insere-se nessa continuidade histórica.

Também é necessário considerar a histórica “tendência” argentina de associar o poder com líderes fortes e carismáticos. O apelo discursivo à tríade “sagrada” – San Martín, Rosas e Perón – bem como as referências essenciais “puras” dos discursos neofascistas – Mussolini, Hitler e Franco – também podem ser melhor compreendidas se inseridas dentro do culto argentino aos “grandes líderes”. No século XIX, o gaúcho Martín Fierro já manifestava a esperança popular em um *criollo* “salvador da pátria”.²⁰

Outro componente histórico importante para esta análise, diz respeito à longa tradição argentina de violência política. Ao longo do século XX, houve a criação de organizações como a *Liga Patriótica Argentina* (1919), a *Legión Cívica Argentina* (1931), a *Alianza Libertadora Nacionalista* (1943), o *Movimiento Nacionalista Tacuara* (1955), a *Guardia Restauradora Nacionalista* (1960), e a *Alianza Anticomunista Argentina* (1973). Todos estes grupos tiveram atuação significativa em determinados períodos, demonstrando que a violência política, especialmente da extrema-direita, está incorporada ao perfil da sociedade argentina. Trata-se da cultura política que prega a necessidade de aniquilamento do inimigo. A frase de Perón que dá nome ao livro de Emílio Dellasoppa é emblemática: “*Ao inimigo, nem justiça*”.²¹

A polarização entre peronistas e antiperonistas, que caracterizou boa parte da trajetória política argentina no século XX, escreveu alguns capítulos dessa história de violência. Outras antinomias políticas também foram responsáveis por estigmatizar e colocar os argentinos em confronto direto: *imperialismo-nação*; *povo-antipovo*; *capital-interior*; *peronachos-gorilas*; *zurdos-fachos*; *pátria-antipátria*.²² Vale recordar o trágico episódio do dia 10 de janeiro de 2001, quando a imigrante boliviana Marcelina Meneses e seu filho Alejandro Josua Torres foram jogados de um trem em movimento na cidade de Avellaneda. Ao tentar defender Marcelina, um argentino ouviu a seguinte advertência dos outros passageiros: “*¿Vos qué sos? ¿Antipatria?*”²³

²⁰ HERNÁNDEZ, José. **Martín Fierro**: edición crítica. Madri: Scipione, 2001, p. 194.

²¹ DELLASOPPA, Emilio. **Ao inimigo, nem justiça**: violência política na Argentina (1943-1983). São Paulo: Hucitec/Departamento de Ciência Política USP, 1998.

²² Ibid., p. 27.

²³ Ver: ALARCÓN, Cristian. Relato de un viaje a la xenofobia. **Jornal Página 12**, de 2 de junho de 2001. Disponível em: <www.pagina12.com>. Acesso em março de 2008.

Neste caso, percebe-se como a violência racista e xenofóbica adquire conotação política. É necessário levar em consideração que o vagão do trem estava lotado de operários indo para seus locais de trabalho. Não há relatos sobre a existência de militantes neofascistas naquele trem da empresa TMR. Ao contrário, tudo indica que os assassinos de Marcelina e Josua eram argentinos “comuns”, trabalhadores motivados por uma ideologia extremista arraigada há gerações. Foi a parte submersa do iceberg, que tornou-se visível naquela manhã de janeiro. No dia primeiro de junho de 2001, uma manifestação reuniu uma centena de bolivianos que pediam justiça para o caso de Marcelina. “¡Fascistas asesinos! ¡Fascistas asesinos!”, gritava a multidão.²⁴ De fato, as fronteiras ideológicas entre a extrema-direita “tradicional” e a direita neofascista argentina são, muitas vezes, imperceptíveis.

O grande aporte de ex-membros dos regimes e a significativa influência histórica das ideologias fascistas na Argentina, também devem ser levadas em consideração. Esta influência deu-se no plano político, por exemplo, na incorporação de postulados nazistas ao discurso do Grupo de Oficiais Unidos, em 1943: “*Em nossos dias, a Alemanha está dando à vida uma dimensão histórica. Devemos seguir este exemplo (...). A luta de Hitler, na paz e na guerra, será nosso guia, de agora em diante*”.²⁵ No plano social, as ideologias fascistas inspiraram a criação de revistas, e o que é mais significativo, foram absorvidas no discurso de publicações da extrema-direita pré-existentes.

Além destas influências históricas, são acrescentadas ao discurso neofascista apropriações de temas como a defesa da liberdade de expressão, a solidariedade com a causa palestina, ou a crítica ao imperialismo norte-americano. Dessa forma, agregando elementos novos a uma sólida tradição da direita, forma-se o “caldo de cultura” neofascista na Argentina.

Para além do plano das idéias, o neofascismo extra-discursivo é percebido na violência das gangues.²⁶ As *patotas* neofascistas argentinas agem principalmente na província de Buenos Aires. Já em 2001, a Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Deputados da Argentina, solicitou um pedido de informação ao Poder Executivo, a respeito da existência de

²⁴ Idem.

²⁵ GOU, apud COSTA, Sergio Corrêa da. **Crônica de uma guerra secreta: nazismo na América: a conexão argentina**. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 346.

²⁶ De fato, o caso Marcelina configurou uma exceção. Na maioria das vezes, a violência física de caráter racista e xenofóbico fica a cargo das “tropas de choque” organizadas. A violência oriunda de “pessoas comuns”, normalmente se dá no plano psicológico, na discriminação e no preconceito cotidiano. Muitas vezes, este comportamento se manifesta através da indiferença.

9

“*grupos neonazis en la provincia de Buenos Aires*”.²⁷ Desde então, a situação agravou-se ainda mais. Os relatos de incidentes violentos envolvendo grupos de inspiração nazi-fascista aumentaram, atingindo patamares preocupantes.

Mesmo assim, apesar da retórica discursiva apontar para uma multidão de seguidores, os grupos de extrema-direita argentinos não têm mais a força humana que possuíram no passado. Não há estatísticas confiáveis sobre o assunto, mas algumas estimativas falam em trezentos militantes “neonazistas” em toda a Argentina.²⁸ Embora esses números possam – e devam – ser questionados, eles revelam que a extrema-direita não possui mais a força de mobilização popular que caracterizou as suas organizações ao longo do século XX.

Todavia, não obstante as pequenas reuniões de saudosistas da ditadura, ou o preocupante número de incidentes violentos envolvendo gangues de inspiração fascista, os discursos da extrema-direita têm um poder de alcance muito mais significativo. O crescimento da rede de comunicação neofascista na internet é indicativo desta realidade. O verdadeiro front de batalha está no âmbito da propagação das idéias, nos esforços para a desinformação e na criação de um imaginário ideológico.

A aceitação de idéias como as veiculadas nos discursos neofascistas não é “natural”. O preconceito, a intolerância e a discriminação não são inatos, mas aprendidos. Portanto, são necessários meios, através dos quais ocorre o processo de aquisição ideológica dessas idéias.²⁹ O amplo conjunto de fontes levantadas para esta pesquisa evidencia os canais disponíveis para a prática e a aquisição das informações necessárias ao doutrinamento neofascista na internet. A rede de comunicação neofascista não serve apenas para a troca de informações entre seus simpatizantes. Ela serve, sobretudo, para cooptar novos membros. A expansão desta teia de páginas pode criar o contexto necessário para a “formação das mentes” almejada pelos grupos neofascistas.

Qual será o futuro reflexo social desta invasão neofascista na internet, permanece uma incógnita. Serão bem sucedidas as estratégias de propaganda ideológica desenvolvidas pela extrema-direita? Não cabe ao historiador arriscar prognósticos nesse sentido. O papel do

²⁷ Camara de Diputados de la Nación. Sesiones Ordinarias 2001. Orden del dia n. 2390. 28 de junho de 2001. Disponível em: <<http://www.diputados.gov.ar/dependencias/dcomisiones/periodo-118/118-2390.pdf>>. Acesso em fevereiro de 2008.

²⁸ KOLLMANN, Raúl. **Sombras de Hitler**: la vida secreta de las bandas neonazis argentinas. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2001, pp. 13-14.

²⁹ DIJK, Teun van. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: UNESCO-Editora Contexto, 2008, p. 15.

10

pesquisador da história é oferecer subsídios para uma análise crítica da realidade, inserindo o fenômeno em sua temporalidade. Entretanto, o esforço para compreender o discurso neofascista argentino conduziu à obrigação de realizar uma advertência. Por trás dos ataques violentos, ou das organizações políticas de caráter mimético, está uma organizada rede de comunicação. Se forem necessários meios para o doutrinamento neofascista, estes meios já existem. Nesse aspecto, a extrema-direita está fazendo com competência sua lição de casa.

Referências Bibliográficas

- AGEITOS, Stella Maris. **Historia de la Impunidad**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2002.
- ALARCÓN, Cristian. Relato de un viaje a la xenofobia. **Jornal Página 12**, de 2 de junho de 2001. Disponível em: <www.pagina12.com>. Acesso em março de 2008.
- BEIRED, José Luis Bendicho. "A grande Argentina": um sonho nacionalista para a construção de uma potência na América Latina. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, n. 42, 2001.
- CONADEP. **Nunca Mais**. Informe da Comissão Nacional Sobre o Desaparecimento de Pessoas na Argentina. Porto Alegre: L&PM, s.d.
- COSTA, Sergio Corrêa da. **Crônica de uma guerra secreta: nazismo na América: a conexão argentina**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- DELLASOPPA, Emilio. **Ao inimigo, nem justiça: violência política na Argentina (1943-1983)**. São Paulo: Hucitec/Departamento de Ciência Política USP, 1998.
- DIJK, Teun van. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: UNESCO-Editora Contexto, 2008.
- DUHALDE, Eduardo Luis. **El Estado Terrorista Argentino**. Buenos Aires: Eudeba, 1999.
- FRONTALINI, Daniel; CAIATI, María C. **El mito de la Guerra Sucia**. Buenos Aires: CELS, 1984.
- GRIFFIN, Roger. **The nation reborn: a new ideal type of generic fascism**. Paper apresentado no XV World Congress of the International Political Science Association (IPSA), Buenos Aires, julho de 1991a.
- _____. **The nature of Fascism**. Londres: Pinter Publishers, 1991b.
- HERNÁNDEZ, José. **Martín Fierro**: edición crítica. Madri: Scipione, 2001, p. 194.
- KLICH, Ignacio. El ingreso a la Argentina de nazis y colaboracionistas. In: KLICH, Ignacio; RAPOPORT, Mario. **Discriminación y racismo en América Latina**. Buenos Aires: Nuevohacer, 1997.
- KOLLMANN, Raúl. **Sombras de Hitler: la vida secreta de las bandas neonazis argentinas**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2001.
- LVOVICH, Daniel. Un vocero antisemita en Buenos Aires: la revista Clarinada (1937 -1945). **Revista Nuestra Memoria**. n. 16. Disponível em: <http://www.fmh.org.ar/revista>. Acesso em janeiro de 2008.
- MOSCATELLI, Mirta. Una propuesta nacionalista frente a la conflictividad social de la década de 1920: la Liga Patriótica Argentina. In: **La Trama de la Comunicación** - Anuario del Departamento de Ciencias de la Comunicación. Facultad de Ciencia Política y RR. II. Universidad Nacional de Rosário. Vol. 7, 2002.

11

NEWTON, Ronald C. **El cuarto lado del triángulo: la “amenaza nazi” en la Argentina (1931-1947)**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1995.

PAXTON, Robert O. **The anatomy of fascism**. Nova York: Vintage Books, 2004.

ROMERO, Luis Alberto. **Entrevista** ao Jornal Página 12. 12 de abril de 2004. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar>>. Acesso em setembro de 2007.

_____. **História Contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SABORIDO, Jorge. El antisemitismo em la historia argentina reciente: la revista Cabildo y la conspiración judía. **Revista Complutense de Historia de América**. V. 30. Madri: 2004, p. 210. Disponível em: <<http://www.ucm.es/BUCEM>>. Acesso em maio de 2007.

SABSAY, Fernando. **Los presidentes argentinos**. 2. ed. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 2003.

SHUMWAY, Nicolás. **La invención de la Argentina: historia de una idea**. Buenos Aires: Emecé, 2002.

TRINDADE, Helgio. **O nazi-fascismo na América Latina: mito e realidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.